N.º 2

ACTA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ÉVORA EFECTUADA EM 25 DE ABRIL DE 2004

Aos vinte e cinco dias do mês de Abril de dois mil e quatro reuniu, pelas dezassete horas e quinze minutos, no Palácio D. Manuel, a Assembleia Municipal de Évora, com a seguinte **Ordem do Dia**:

Ponto Único – Comemoração Solene do 30º Aniversário da Revolução de 25 de Abril/74

A Mesa estava composta por:

Presidente – Luís Manuel Capoulas Santos

1º Secretário – José da Silva Costa Russo

2º Secretário – João Luís Latas Lázaro

Registaram-se mais as seguintes presenças de membros da Assembleia Municipal: M.ª Helena Quintas Zuber (em substituição do Sr. Lino de Carvalho), Acácio Alferes, Carmen Balesteros, Francisco Pândega (no lugar de Mafalda Troncho), Raimundo Cabral, José Palma Rita, Rui Rosado, José Cardoso, Jorge Lourido, António Serrano, Celino Silva, M.ª Augusta Pereira, João Andrade Santos, Luís Carmelo, M.ª Helena Costa, Nuno Lino, Carlos Percheiro, António Ramos, Luís Pasadas, M.ª Helena T. da Silva, José Mateus, Baltazar Damas, M.ª Luísa Baião, Vitor Santos, João Valverde, António Russo e José Bravo Nico.

Faltaram os(as) Senhores(as): Rui Grilo, Estevão Bicho, Isidro Lobo, Francisco Estevão, José Piteira, João Ricardo, M.ª Gabriela Silva, Miguel Chumbo, João Rodrigues e Jerónimo Mendes.

A Câmara Municipal fez-se representar pelo seu Presidente, José Ernesto Oliveira, e pelos Vereadores Fernanda Ramos, Miguel Lima, Clara Grácio e Carlos Reforço.

Compareceram também o Sr. Governador Civil e representantes das autoridades civis e militares, das instituições económicas, sociais e culturais da cidade e do Sr. Arcebispo de Évora.

Aberta a sessão, o Sr. Presidente agradeceu aos representantes das instituições e às individualidades presentes o facto de terem aceite o convite endereçado pela Assembleia Municipal e anunciou que a cerimónia iria decorrer da seguinte forma: daria a palavra a um membro de cada partido político com

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

assento na AME, seguindo-se o discurso do Sr. Presidente da Câmara, terminando a mesma com a sua intervenção.

Por parte do PSD, tomou a palavra o **Sr. Palma Rita**, que leu um texto, com o título «**O que se comemora em Abril de 2004**», do seguinte teor: "Portugal comemora um momento chave da sua mudança social, marcado pela transição revolucionária de um regime político fechado e autoritário, para a democracia que hoje vivemos. Não devemos ficar envergonhados quando se enaltece ou saúda o 25 de Abril na afirmação e consolidação dos valores da liberdade, da democracia, do progresso económico e social, de que hoje beneficiamos. Homenageamos hoje a memória dos que contribuíram, muitos com as suas vidas, para a conquista das liberdades cívicas e daqueles que souberam afirmar a liberdade enquanto valor fundamental de uma democracia consolidada ao longo de 3 décadas, através da sua acção nos partidos políticos, associações, movimentos cívicos e culturais, de solidariedade, através do exercício do poder local, aplicando assim na prática a universalidade do direito ao voto, à igualdade, à liberdade de expressão, à cidadania. A todos eles devemos estar gratos porque a democracia não veio logo: o caos resultante da degradação do Estado, que se seguiu à revolução, desencadeou uma luta política que originou intertezas e receios durante quase dois anos, quanto à nova ordem a instaurar, com ameaças reais de se acabar numa nova ditadura, agora do proletariado, ou num regime militar terceiro-mundista.

- Portugal não comemora hoje nem pode comemorar algum dia a tentativa de implementação de uma ditadura do proletariado em substituição de um regime totalitário que urgia reformar, abrir, democratizar e modernizar;
- Portugal não comemora hoje nem pode comemorar algum dia a tentativa de substituição de um passado reaccionário por um estalinismo ortodoxo;
- Portugal não comemora hoje nem pode comemorar algum dia a destruição das bases de um sistema económico que não pode ser reformado com proveitos de alguns dos seus factores competitivos;
- Portugal não comemora hoje nem pode comemorar algum dia a irresponsável desagregação do sistema financeiro que houve que reconstruir com sacrifício de todos, ao longo das décadas de 80 e 90;
- Portugal não comemora hoje nem pode comemorar algum dia a delapidação de um sistema produtivo agrícola que sustentava a organização social de um mundo rural que está hoje em risco de extinção.

Sem dúvida que o 25 de Abril foi uma revolução, que possibilitou a alteração do curso evolutivo da sociedade portuguesa, pelo que não se deve fugir à condenação da ditadura e à falta de liberdade, nem em Portugal, antes de Abril de 74, nem em Berlim Leste, antes de 1989. Mas há que enaltecer as 3 décadas seguintes, que serviram para corrigir o desnorte da mudança social anunciada e ventilada, reorientando a direcção da mudança no sentido da modernidade e da integração em espaços transnacionais mais amplos.

Portugal comemora hoje a vivência destas 3 décadas em plena liberdade, resultantes de uma democracia consolidada e adulta, que lhe permite questionar, concordar e discordar e até mesmo indignar-se, onde a escolha do futuro é, não apenas livre, mas também participada nas opções de construção, aos vários níveis, desde o local, ao europeu. É verdade que a modernidade não começou em 1974 e que o que aí se recuperou foi a liberdade, a democracia, a reposição da comunidade internacional. Mas foram os 30 anos de progresso mais espectacular e intenso da história de

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

Portugal, sobretudo na ciência, tecnologia e comunicações, nos sectores sociais, nas condições de vida, na educação, nas artes e literatura, na saúde, no desenvolvimento económico e consequente recomposição da estrutura e da organização social.

Ainda há muito por fazer, muito para melhorar e, principalmente, novos desafios que o novo século acarreta:

- Portugal é hoje uma sociedade aberta, multiracial e multicultural, promotora de uma convivência pacífica e intercultural com aqueles, até agora desconhecidos, que passou a colher. Mas enfrenta desafios no combate às novas formas de xenofobismo e racismo emergentes, comprometedores de uma convivência tolerante com a multicularidade e a diversidade indispensável ao aprofundamento da construção europeia;
- Mudámos o padrão da sexualidade, da constituição das famílias, mas também o da sua destruição e da instabilidade permanente a que estão sujeitas. Diminuiu a cada ano o número de casamentos e disparam os divórcios e dissoluções das uniões familiares existentes;
- Acedemos ao mundo a partir de casa, pela via das novas tecnologias da informação e da comunicação, mas limitamo-nos ao consumo irreflectido, não usamos e trasformamos a informação em benefício da construção de conhecimento;
- Aumentámos substancialmente a esperança de vida, diminuímos a mortalidade infantil, aumantámos os níveis de escolaridade e a extensão dos mesmos, mas sofremos a alteração do padrão do desemprego, hoje mais jovem e mais qualificado, pressionando o ritmo da mudança social, num sentido que ainda não parece estar suficientemente definido e clarificado;
- Ficamos cada dia que passa com mais idosos, que despertam novas preocupações, necessidades e interesses, não só por constituírem um novo padrão da vida quotidiana, com uma alteração na gestão dos tempos (aumentando o peso do tempo livre), como pela necessidade de verem promovido um envelhecimento activo que volta a reequilibrar e entrosar, sob fórmulas diferentes e ainda não clarificadas, as dimensões produtiva, reprodutiva e de lazer da vida quotidiana;
- Deram-se passos de gigante em apenas 3 décadas na redução do analbabetismo, na taxa de frequência do ensino superior, na redução do trabalho infantil e das taxas de abandono escolar. Mas temos hoje uma forte incidência de drogas e alcóol sobre a população jovem.

A muitos destes desafios devem as autarquias locais iniciar antecipadamente a reflexão sobre os seus contornos e as formas de solução ajustada, para não serem apanhados de surpresa. O planeamento estratégico impõe-se como instrumento essencial na construção do futuro. Ainda há muito para fazer e muito para melhorar, mas uma das conquistas de Abril é o amadurecimento da democracia que leva a que os portugueses não estejam dispostos a abrir mão dessa conquista e desse percurso afirmativo, em troca de um regime autoritário capaz de resolver os problemas económicos e sociais, ao contrário dos 56% dos latino-americanos, segundo os mais recentes dados do PNUD da ONU (Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento). Os problemas económicos e sociais que ainda temos por resolver constituem etapas claramente ultrpassáveis com empenho, esforço, mobilização, profissionalismo e participação, porque estão ao alcance da nossa vontade, determinação e iniciativa, desde que postas ao serviço do aproveitamento das oportunidades que o futuro nos reserva, porque ameaças sempre demonstrámos ser capazes de enfrentar e contornar. A insatisfação que ainda sentimos com o funcionamento da democracia não invalida a satisfação com a conquista do modelo. Faça-mo-lo funcionar e exijamos o seu funcionamento. Não podemos é passar a vida a exigir aos outros sem que nós próprios cumpramos.:

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

- Exigimos um aprofundamento do exercício de cidadania e o seu reforço, acusamos os políticos e o sistema de a prejudicar, de levar ao descrédito da participação, mas recusamo-nos a assumir as nossas responsabilidades nessa abdicação voluntária e, sobre a qual temos total controlo, trocando diariamente a reflexão aprofundada pela banalidade e superficialidade de um quotidiano voyerista em que florescem os reality shows do tipo "big brother", como resposta à nossa exigência de leviandade e construção antecipada, poupando-nos ao esforço de um imaginário cada vez mais ocioso;
- Devemos exigir uma justiça mais célere mas sem atacar o sistema cada vez que os nossos amigos e correlegionários são afectados;
- Devemos exigir uma educação de qualidade e mais ajustada, mas sem pretensões à sua total gratuidade, assumindo a nossa responsabilidade nas escolhas que fazemos, dado termos acesso antecipado à informação sobre as tendências futuras do mercado de trabalho;
- Devemos exigir uma modernização da administração pública mas sem apoiar a falta de produtividade e o benefício pessoal de muitos, à custa dos nossos impostos, havendo sim que garantir a aplicação dos mecanismos tendentes à sua responsabilização.

Comemorar Abril é salientar as etapas que conseguimos alcançar a par da oportunidade para discutir o futuro de Portugal, em especial quanto aos desafios que enfrenta, às soluções a construir e aos níveis da nossa participação, nessa construção e aplicação.

Aprendermos com a experiência de 30 anos em liberdade e democracia e preparar o futuro é o mais importante agora, para podermos assumir como prioridade a conciliação da competitividade económica com preocupações sociais, num modelo de capitalismo de rosto humano".

Interveio depois o Sr. Andrade Santos, lendo um documento com o conteúdo que se passa a relatar: "Cabe-me a honra de falar em nome da Coligação Democrática Unitária – CDU nesta sessão comemorativa do trigésimo aniversário da Revolução do 25 de Abril e creio que a melhor forma de comemorar o acto revolucionário, que devolveu Portugal aos portugueses, é pensarmos o presente e preparar o futuro.

Não é por acaso que a maioria dos nossos compatriotas considera que esta data libertadora é um dos momentos mais importantes da nossa história, sentida hoje ao nível da restauração da Nacionalidade, em 1 de Dezembro de 1640.

Há 30 anos a explosão de alegria que acompanhou a libertação de Portugal da ditadura fascista fez-nos pensar que tudo era possível, que a Pátria não seria mais um lugar de exílio, que a guerra colonial ia acabar e que seria possível descolonizar, democratizar e desenvolver a nossa comunidade nacional.

Com a liberdade, o 25 de Abril trouxe-nos a génese de um Portugal novo, desenvolvendo aos cidadãos a dignidade perdida durante várias gerações, com o acesso ao voto livre e consciente, direitos culturais, sociais e laborais, num acesso para todos ao ensino e aos serviços de saúde, bem como numa renovada criatividade que nos abriu as portas do mundo da cultura e do saber.

Portugal foi, pela sua Revolução pacífica e humanista, conhecido como uma Pátria de músicos, investigadores, arquitectos, poetas, contribuindo com o seu génio para a cultura universal. Os prémios Nobel, pela primeira vez após gerações de obscurantismo, voltaram a contemplar intelectuais e combatentes da liberdade de expressão portuguesa. Hoje, Portugal atingiu, a despeito

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

da sua escala de pequeno país, o 23º lugar no ranking mundial do desenvolvimento, segundo os critérios das Nações Unidas.

Por tudo isto, a Revolução do 25 de Abril marcou Portugal de forma indelével. Mais profunda foi ainda a transformação que operou no Alentejo onde, por força da Reforma Agrária, da acção do Poder Local democrático, e de uma drástica redistribuição de recursos tornada possível pelo fluxo revolucionário, os camponeses passaram em muitos lados da situação de quase servos da gleba, à de cidadãos com direitos e com acesso a uma vida mais digna, à formação, à informação e à cultura.

No quadro de uma administração aberta e participada pelos cidadãos, o Poder Local foi a face visível das transformações materiais que mudaram o Alentejo, nele criando melhores condições de vida, bem como o reforço da identidade e de um sentimento de pertença.

Estas profundas mudanças levaram-nos a pensar que nada iria fechar as portas que Abril abriu e que o retrocesso político e social seria impossível numa Pátria de cidadãos conscientes e unidos na procura de uma vida melhor.

A vida mostra-nos hoje que o progresso social é um caminho sinuoso, onde os avanços fulgurantes originados por momentos revolucionários são, por vezes, seguidos de longos períodos de desgaste das conquistas sociais, nos quais se impõe uma resistência tenaz para evitar a regressão social e os recuos bruscos para condições de vida e de trabalho que pensávamos estarem para sempre ultrapassados.

No mundo, os conceitos do neoliberalismo que fizeram o seu caminho a partir do Chile de Pinochet e da Inglaterra da Senhora Tatcher, procuram impor o regresso às Leis da Selva onde só sobreviverão os mais fortes. Estes conceitos influenciaram decisivamente as orientações e políticas da União Europeia, cujo tratado Constitucional acaba de nos ser imposto – antes de existir – pela revisão constitucional, colocando a sua aceitação acima da lei fundamental da República Portuguesa e privando os cidadãos de se pronunciarem sobre ele em referendo.

As guerras do petróleo desencadeadas pelo Império põem o Iraque a ferro e fogo e através da participação insensata do Governo Português com um contigente da GNR, degradam a nossa imagem de Estado respeitador de direitos dos Povos a decidir dos seus destinos, tornando-nos alvo potencial do terrorismo internacional.

No nosso país reduz-se a riqueza criada e aumenta o desemprego. Reduzem-se os direitos de quem trabalha e pagou impostos e crescem os lucros da banca. Cresce a vergonha da fuga e evasão fiscal, com mais de metade das empresas a não pagar um tostão e vão-se aplicar impostos às pensões de reforma e aos subsídios de desemprego. Privatizam-se serviços básicos – até a distribuição da água !...

A região alentejana, cuja força assenta na unidade do seu povo em torno da sua identidade e cultura, começa a ser objecto de tentativas sub-reptícias de divisão que procuram romper com as suas características e base identitária. A junção ao Alentejo, por via administrativa, dos onze municípios ribatejanos da Lezíria do Tejo, constitui uma forma ínvia de promover uma tal adulteração, à qual se vêm somar tentativas de subordinar Municípios de Portalegre ao Distrito de Castelo Branco, e mais tarde – quem sabe ?... – de ligar municípios do Baixo Alentejo ao Distrito de Faro. A estas tentativas, baseadas numa falsa descentralização, há que opor a firme determinação de manter o Alentejo unido, articulando os seus 47 municípios numa só Área Metropolitana, como forma de garantir a coesão e a identidade deste território através de uma continuidade administrativa coerente com as condições geográficas, sociais e históricas do Alentejo.

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

O Poder Local democrático, a face mais visível do regime democrático criado pela revolução do 25 de Abril, e cuja importância no Alentejo continua a ser fundamental para o desenvolvimento da região, está também a ser alvo das tentativas de adulteração por parte do Poder Central, com manifestações cada vez mais claras.

É de lamentar que a limitação do número de mandatos determinada pela última revisão da Constituição, medida em si desejável se contemplasse todos os Órgãos do Poder, incida exclusiva e discriminatoriamente sobre o Poder Local. É de salientar que esta medida se vem somar a interpretações abusivas do regime de incompatibilidades dos eleitos locais que – e por via da repressão económica – vem cercear a capacidade de intervenção em instituições exteriores ao município. Na prática, trata-se de forçar os eleitos a limitar a sua acção aos Paços do Concelho, castrando a sua intervenção e influência social e política.

As leis que enquadram o novo regime de associativismo municipal, com o objectivo confessado de substituir a regionalização por federações de municípios sem legitimação eleitoral directa e, portanto, sem a força que teriam os órgãos eleitos das regiões administrativas, não só pretendem eliminar de facto as autarquias de segundo grau previstas na Constituição da República, mas também – sem o dizer – pretendem desnaturar gravemente o funcionamento e a capacidade de intervenção dos municípios.

Vinte a trinta associações de municípios – que vão buscar as suas competências à base municipal e não ao Poder Central – serão os futuros interlocutores dos ministérios, com quem terão os financiamentos e os contratos-programa, num quadro de relações que tenderá a aproximar-se do que se vivia nos tempos da ditadura. A par disto, procura-se avançar com um ilusório regime de reforço dos impostos locais, sistema que pretende substituir a actual Lei das Finanças Locais baseada na solidariedade nacional e que irá acentuar as assimetrias regionais num país cada vez mais litoralizado. Contra esta deriva centralista e anti-democrática há que opor a acção determinada e consciente dos cidadãos e das suas instituições. Lutar nas instituições e nas ruas, combater pela prática social e pela frontal exposição das ideias e numa acerada crítica a estas tentativas de regresso ao passado, a um passado conhecido, que não deixou saudades. É por isso que comemorar os 30 anos do 25 de Abril, evocar a Revolução – revolução com «R», claro está – é também combater esta evolução, que nos sabe a passado, a limitação da acção dos cidadãos, o cerceamento das nossas liberdades e da liberdade. O 25 de Abril viverá sempre na nossa vida, na nossa memória, como símbolo da liberdade e guia do caminho do progresso social.

Viva o 25 de Abril ! Viva o Alentejo ! Viva Portugal" !

Falou posteriormente o **Sr. Bravo Nico**, em representação do PS, que disse: "Não é fácil, para ninguém, colocar em 10 ou 15 minutos de discurso, 48 anos de ditadura, uma revolução e mais 30 anos de democracia. Mesmo que tentássemos reduzir este exercício à utilização de palavras mais significativas, tal seria impossível. Mesmo que essas palavras fossem classificadas, de acordo com o grande pedagogo brasileiro Paulo Freire, como **palavras geradoras**.

Palavras como **Liberdade**, **Democracia**, **Justiça**, **Paz**, **Fraternidade** e **Igualdade** têm essa capacidade mágica de alterar o curso do mundo, a história dos países, a vida das famílias e a existência das mulheres e dos homens, em qualquer parte do mundo, seja qual for a sua cor, o seu credo, o seu ideal, a sua condição sócio-económica ou a sua circunstância existencial.

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

Liberdade, **Democracia**, **Justiça**, **Paz**, **Fraternidade** e **Igualdade** são palavras que nos geram sentimentos, nos fazem sonhar, nos aceleram o metabolismo, nos arrepiam a pele e nos fazem crescer a vontade de participar activamente nos processos de decisão que determinam a nossa vida.

Liberdade, **Democracia**, **Justiça**, **Paz**, **Fraternidade** e **Igualdade** são palavras que nunca nos deixam quietos e sossegados. São palavras paradoxalmente fortes e frágeis. A sua fragilidade nasce exactamente da necessidade constante de lutarmos pela sua existência real, pela sua prática, pela sua vitalidade e pelo seu carácter genuíno. E é, precisamemte, esta aparente fragilidade a sua maior força. Tornando-nos insatisfeitos e vigilantes, face à sua fragilidade, torna-nos, paradoxal e simultaneamente, activos e participantes. Faz-nos acreditar que ser-se livre é, não só um direito que nos pode, de certa forma, acomodar, mas, essencialmente, um dever. O dever de decidirmos, a todo o momento, não alienarmos essa Liberdade que é, afinal de contas, o grande farol da vida de todas as mulheres e todos os homens, de todos os tempos que já vieram e que hão-de vir.

O 25 de Abril de 1974 foi um dia mágico, construído por mulheres e homens livres, que derrubou uma ditadura antiga e decadente e lançou as raízes de um novo regime, onde a **Liberdade**, **Democracia, Justiça, Paz, Fraternidade** e **Igualdade** são, de facto, os alicerces da nossa arquitectura social. 30 anos depois desse dia mágico, devemos parar e pensar o que somos. Se pensarmos o que somos**, pensando de onde viemos**, o balanço é extraordinariamente positivo. O que somos no regime político democrático e o que éramos antes da revolução de Abril; o que somos na educação e o que éramos antes da revolução de Abril; o que somos na saúde e o que éramos antes da revolução de Abril; o que somos nas infra-estruturas e o que éramos antes da revolução de Abril; o que somos na justiça e o que éramos antes da revolução de Abril; o que somos no desenvolvimento económico e o que éramos antes da revolução de Abril; o que somos na cultura e o que éramos antes da revolução de Abril. Se realizarmos o balanço entre aquilo que hoje somos e aquilo que éramos antes da revolução de Abril, o resultado é extraordinariamente positivo. Portugal é, hoje, um país incomparavelmente melhor que aquele que existia em 24 de Abril de 1974. Nesse balanço, é de elementar justiça reconhecer e valorizar o papel determinante do poder autárquico, uma das conquistas de Abril e uma das mais vitais realidades da democracia portuguesa. Se pensarmos o que somos**, pensando para onde queremos ir**, o caminho é grande e difícil. O que somos no regime político democrático e o que queremos que seja, no futuro; o que somos na educação e o que queremos que seja, no futuro; o que somos na saúde e o que queremos que seja, no futuro; o que somos nas infra-estruturas e o que queremos que seja, no futuro; o que somos na justiça e o que queremos que seja, no futuro; o que somos no desenvolvimento económico e o que queremos que seja, no futuro; o que somos na cultura e o que queremos que seja, no futuro. Se realizarmos o balanço entre aquilo que hoje somos e aquilo que queremos vir a ser no futuro, o resultado é um projecto colectivo extraordinariamente difícil, mas, simultaneamente, desafiador. Todos queremos que Portugal seja, no futuro, um país incomparavelmente melhor que aquele que existe em 25 de Abril de 2004. Neste projecto nacional, todos sabemos que as autarquias hão-de, certamente, desempenhar um papel determinante. Neste desejo, nesta vontade, neste desígnio, há lugar para todos, com todas as diferenças, todas as soluções, todos os ideais, todas as origens, todos os credos, todas as raças e todas as idades. Ao contrário do passsado, temos não só direito à diferença, mas, mais do que isso, o dever à diferença, como mecanismo democrático saudável de mantermos viva a chama de Abril.

Neste dia em que comemoramos a revolução do dia 25 de Abril de 1974, é fundamental que sonhemos. Que sonhemos da melhor forma que uma mulher e um homem podem sonhar: acordados, com os olhos postos no futuro, respeitando e cumprindo o passado, num presente em que devemos estar à altura daqueles que nos devolveram a Liberdade.

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

A propósito de sonho, permita-me Sr. Presidente da Assembleia Municipal que termine esta minha intervenção, em nome da bancada parlamentar do Partido Socialista, citando algumas palavras escritas por Antunes da Silva na sua obra **SUÃO**: «...- E o lavrador Osório ergueu mais o busto: - mas temos que ter esperança no dia de amanhã, Chico. A esperança é que segura muitos homens à vida. Sou um sonhador, dizem eles, eu sei, e milhares de homens como eu e como tu são sonhadores da terra dos Alentejanos. E **eles** não gostam das pessoas que sonham, não gostam das pessoas que pensam. Os fascistas abominam todas as pessoas que sonham. Vê bem: o Alentejo não tem sombra porque tarda em dar-lha. Não tem já a barragem porque as pessoas que daqui não são naturais, não querem. Fazem o jogo dos americanos, defendem os amigos, governam-se. Não temos estradas nem caminhos-de-ferro decentes, nem indústrias que possam dar alento a esta província. Vêm os fascistas e tiram-nos o direito a termos uma universidade em condições ! A população, lentamente, decresce, abandona os agros, mecanizam-se os trabalhos agrícolas, os Alentejanos abalam. O Alentejo é o filho bastardo de Portugal. Isto está insustentável ! Há portugueses, aqui nascidos e criados, que passam fome, sem dinheiro e sem mantenças. As câmaras alentejanas vivem à míngua, o desenvolvimento económico das vilas e aldeias é nulo ou processa-se em normas ultrapassadas, pois quem deseja mandar nelas são ainda os senhores feudais e os homens que cá não nasceram. E os Alentejanos abalam para ajudar a erguer novos prédios nas grandes metrópoles, hostilizam-nos como se fosse gado tresmalhado em seara alheia. Mas tem esperança na vida, Chico ! Prefere a morte a seres indigno do teu povo, Chico ! Não vês este vento ? Não sentes esta aragem que faz os mártires, os pensadores e os orgulhosos ? Ele vai-se embora. Fartou-se de estragar os campos e o coração da maltiagem. O suão foge outra vez para a África, está aí a Primavera, tão clara, tu vais fazer mais versos, vais cantar novas modas, os prados estão a florir de novo, é uma outra vida que desponta, Chico ! E **eles** têm medo da alegria e da esperança que vive no coração dos Alentejanos ! Têm medo dos meninos que nascem, têm medo das almas puras que por aí andam a fazer vida ! Estão vendidos aos estrangeiro»".

Logo após coube ao Sr. Presidente da CME usar da palavra, cujo depoimento não se pode reproduzir devido a falha na gravação.

Por último, discursou o Sr. Presidente da Assembleia, que expressou: "Quem dos que, de nós, teve o privilégio de viver, com consciência política já formada, o dia irrepetível do 25 de Abril/74, não pode deixar de recordar, sem nostálgica emoção, os sons da marcha militar que ainda hoje nos faz estremecer e a genuína explosão de um povo que, em uníssono, como que impelido por forças invisíveis, encheu as ruas e praças das nossas vilas e cidades, trocando sorrisos e abraços, numa cadeia contagiante de indescritível alegria. Muitos e vertiginosos factos se sucederam depois na espiral de turbulência que sempre se desencadeia, quando nas sociedades ocorrem rupturas sociais e políticas profundas e imprevistas. Não será este o tempo e o lugar para sobre eles me pronunciar ou emitir juízos valorativos à luz das minhas convicções políticas. Lembrar que ocorreram serve apenas para ilustrar que a democracia e a liberdade são conceitos inseparáveis à luz da nossa matriz constitucional, que custa muitas vezes mais manter do que, pura e simplesmente, conquistar. Não posso, por isso, nesta circunstância, deixar de invocar os capitães de Abril que corajosamente tornaram possível a materialização desse sonho sempre intangível da liberdade. Permitam-me, com toda a justiça, que corporize esse reconhecimento num deles, que connosco partilha o espaço de participação democrática, que é a Assembleia Municipal de Évora. Refiro-me, como é óbvio, ao nosso ilustre colega capitão **José Luís Cardoso**.

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

Não é também possível comemorar o 25 de Abril sem recordar todos aqueles, muitos do nosso concelho, que viram as suas vidas, famílias e profissões destroçadas por terem tido o arrojo e a teimosia da resistência que preparou os caminhos acabados por trilhar pelos militares de Abril/74, nem tampouco dos que, depois disso, foram responsáveis para que nunca se apagasse a, quantas vezes trémula, depois de 1974, chama da liberdade. Comemorar o 25 de Abril não é também possível sem se solidariamente invocar todos os povos e cidadãos do mundo que sofrem as agruras da guerra, da fome e da humilhação e que anseiam, também, por mais do que pretensos libertadores para a sua própria libertação, cientes de que a razão derruba sempre os muros da opressão por mais sólidos que aparentem ser. Estamos, enquanto representantes dos cidadãos do concelho de Évora, que em nós depositaram a sua confiança, a celebrar o 25 de Abril no nosso município. Este é, também por isso, o momento de nos introespecionarmos, individual e colectivamente, sobre o nosso próprio desempenho enquanto titulares de um órgão do poder político. Estou convicto de que, em qualquer órgão do poder, é sempre possível fazer mais e melhor, tal como em qualquer outra instituição ou empresa, e há tanto, tanto por fazer dentro da nossa esfera de competências. Quem de nós se pode sentir tranquilo enquanto qualquer dos nossos munícipes estiver desempregado, situação que, infelizmente, atinge hoje tantos ? Quem de nós se pode sentir tranquilo quando tantas famílias do nosso concelho vivem ainda em condições inaceitáveis de habitabilidade, pese embora o corajoso esforço que este Executivo tem vindo a desenvolver, e que me apraz sublinhar, para, finalmente, enfrentar determinadamente esse problema ? Quem de nós se pode sentir tranquilo quando tantos idosos do nosso concelho, não obstante algumas medidas positivas tomadas pela CME e aprovadas por nós aqui na Assembleia Municipal, têm tantas vezes que optar entre a farmácia e a refeição ? Nenhum de nós está conformado com estas e outras situações que se agravam ainda mais quantos mais agudos são os tempos de crise, como estes que, infelizmente, vivemos. Todos os que abraçámos, com sentido de serviço público, a actividade política sentimos que cumprir o 25 de Abril será a tarefa das nossa vidas, independentemente das soluções políticas concretas que, de acordo com as convicções de cada um, entendamos que devem ser adoptadas a cada momento. Mas é precisamente para isso que existe a democracia trazida pelo 25 de Abril e é para isso que serve o mais genuíno instrumento democrático: as eleições livres que aqui nos trouxeram.

No âmbito do exercício democrático, no qual todos participamos, cabe-nos a nobre tarefa de acompanhar, fiscalizar, criticar ou apoiar a actividade da Câmara Municipal com empenho e independência.

Pelos mais de 2 anos a que tenho a honra, com a vossa confiança, de presidir à AME e de partilhar convosco este espaço de convívio democrático, creio que estamos, todos os grupos políticos, sem excepção, com a sensação do dever cumprido. Poderíamos, é certo, ter efectuado mais reuniões descentralizadas nas freguesias, mas já iniciámos esse procedimento. Poderíamos, certamente, ter encontrado melhores formas de chegarmos junto dos que nos elegeram, mas também estou convicto de que com o recurso, a curto prazo, aos meios electrónicos conseguiremos atingir mais eficazmente esse objectivo. Poderíamos também, concerteza, ter efectuado mais visitas a realizações ou a situações problemáticas no concelho, mas desenvolvemos já iniciativas tendo por base essa preocupação, que não deixaremos de multiplicar até ao final do nosso mandato.

Em suma e para terminar, estou convicto que esta introspecção a que a comemoração do 30º aniversário do 25 de Abril nos obrigou e o simples facto de nos termos disposto, unanimemente, por iniciativa da bancada da CDU, a celebrar esta efeméride, reflectindo conjuntamente sobre a qualidade da nossa democracia local, é reveladora do sentimento que nos anima de reiterar os nossos compromissos democráticos perante os que em nós confiaram.

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame

Aprofundar a qualidade da nossa democracia local significa tornarmo-nos mais exigentes connosco próprios e mais independentes na crítica ou no apoio ao órgão executivo, com o qual, institucionalmente, nos relacionamos no exercício da função em que orgulhosamente estamos investidos ao serviço do concelho de Évora e de todos aqueles que nele vivem e trabalham. Saibamos ter sempre presente, em cada acto político que pratiquemos enquanto deputados municipais, o espírito do dia que hoje solenemente celebramos e poderemos estar certos de que teremos **25 de Abril sempre**".

Finda a sua alocução, o Sr. Presidente da Assembleia deu por encerrada a sessão pelas dezoito horas e dez minutos, da qual e para constar se lavrou esta acta, que vai ser assinada pelos membros da Mesa.

Presidente – Luís Manuel Capoulas Santos

1º Secretário – José da Silva Costa Russo

2º Secretário – João Luís Latas Lázaro

(Acta aprovada, na sessão de 05/06/04, por maioria e 9 abstenções)

Praça do Sertório, 8 • 7000-506 Évora Tel • 266 777 042 Fax • 266 777 046 Email • assmunicipal.evora@mail.evora.net Web • www.evora.net/ame